

# **Redes de economía solidária**

**Euclides Mance**



O tema *economia solidária* abarca significados diferentes, a depender da prática enfocada, não havendo um consenso. Está vinculado a participação coletiva, autogestão, democracia, igualitarismo, cooperação, auto-sustentação, promoção e desenvolvimento humano. De certo modo, esses aspectos compõem uma certa unidade, um campo comum de significação, mas nem sempre todas essas características estão presentes, nas diversas práticas de economia solidária.

Entre as práticas de economia solidária podemos citar:

a) *autogestão* – no Brasil, nós temos a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas Autogeridas, ANTEAG, que, em 1998, contava com 41 empresas, mais de 20 mil trabalhadores e, aproximadamente, 300 milhões de reais de faturamento anual. Dessa forma, economia solidária não é necessariamente produção ‘pequeninha’; são mais de 25 milhões de reais em recolhimento de impostos. Nos Estados Unidos existem mais de 10 mil empresas com faturamento de 6 bilhões de dólares;

b) *comércio solidário* – se caracteriza por pequenos produtores do terceiro mundo que têm dificuldades de acesso ao mercado e se organizam em empreendimentos que buscam ser ecologicamente corretos e nos quais se combate qualquer forma de exploração ou opressão. Os seus produtos são exportados e comercializados no primeiro mundo – Europa, América do Norte e Japão – através de centrais nacionais que operam com essa finalidade. Existe a Federação Européia do Comércio Justo que congrega centrais de exportação de diversos países e são milhares os grupos integrados no mundo. Há mais de três mil lojas, em dezoito países na Europa, que só vendem produtos da economia solidária, e cujo faturamento, em 94, foi de 205 milhões de euros;

c) *micro-crédito* – tem avançado muito, havendo, aproximadamente, 7 mil instituições de micro-crédito no mundo, com 22 milhões de grupos financiados. Existem bancos que só trabalham de maneira ética, como é o caso do Banco Ético da Itália; o Banco Triodos, na Holanda; o Alternative Bank Schweiz, na Suíça, que somente financiam atividades de desenvolvimento sustentável ou de caráter cultural que não colocam o dinheiro na ciranda financeira que quebra países com taxas de juros;

d) *clubes de troca* – os LETS, Local Employment and Trade System, um sistema local de emprego e comércio, que surgiu no Canadá nos anos 80. Na Argentina, existem milhares deles, com 5 milhões de pessoas participando atualmente, porque em função da crise o número cresceu assustadoramente. Eles funcionam como uma moeda social, criada e administrada pelo próprio grupo, que permite às pessoas trocarem entre si seus produtos e serviços;

e) *economia de comunhão* – outra prática que surgiu no Brasil na qual o lucro da empresa é dividido em três partes visando: 1) reinvestir na empresa, pagando justos salários, e respeitando às lei vigentes; 2) ajudar os necessitados; 3) e difundir a proposta da economia de comunhão. Mais de 700 empresas no mundo usam essa metodologia;

f) *consumo solidário* ou *consumo crítico* – através do qual os consumidores tomam uma decisão muito clara frente ao ato de consumo, partindo da premissa: quando alguém compra um produto de uma empresa que explora os trabalhadores e que destrói o ecossistema, torna-se co-responsável por isso. A prática do consumo crítico possibilita a construção de uma nova economia que distribui a renda de maneira justa, e preserva o meio ambiente. Nesse sentido, algumas cooperativas se organizam para comprar juntas, em grande quantidade, e conseguem um preço mais baixo. Em Porto Alegre existem, aproximadamente, 400 famílias que compram juntas, e conseguem baratear as suas compras em 20%. Essa sistemática é boa também para os produtores, porque eles recebem mais pelos seus produtos. Tomemos um exemplo. Uma saca de feijão preto de 60 quilos, em julho de 2001, era vendida pelo produtor rural por R\$ 45,00 no mercado; essa mesma saca era negociada na bolsa de valores por R\$ 85,00; e os consumidores finais pagavam por 60 quilos de feijão R\$ 108,00. Nas compras coletivas, comprando-se diretamente do produtor, a saca ficava por R\$ 60,00 – R\$ 15,00 a mais por saca de feijão – preço acima do mercado e os consumidores pagavam pelos 60 quilos de feijão preto o valor de R\$ 84,00, preço mais barato até que o praticado na bolsa de valores. A economia solidária, portanto, não se regula pelo mercado, mas por relações de solidariedade. Essas vantagens recíprocas geradas nessas práticas somente ocorrem quando o consumo e a produção estão conectados;

g) *organizações de etiquetagem* – *organizações marcas* – que simplesmente aplicam selos nos produtos assegurando que eles são realmente da economia solidária. As etiquetas garantem que o produto vem, de fato, de um processo justo de produção, no qual ninguém é explorado e não há opressão e nem discriminação de gênero ou étnica. A FLOI – Fair Trade Labelling Organization Internacional – congrega diversas organizações de etiquetagem. No Brasil, estamos começando a avançar no debate dessa prática;

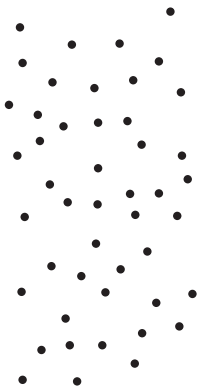
h) *software livre* – uma outra prática muito interessante de economia solidária que consiste em programas de pontas, que são distribuídos gratuitamente. Qualquer cooperativa, qualquer pessoa pode se apropriar desses programas, usá-los, modificá-los, sem ter que pagar

por isso. Eles são produzidos por programadores do mundo inteiro que trabalham em rede, isto é, um programador disponibiliza o programa na internet – às vezes, uma parte do programa – outro programador melhora aquela versão, distribui de novo e assim sucessivamente. Desse modo, temos, hoje, diversas ferramentas, no campo da Tecnologia da Informação, distribuídas para uso gratuito.

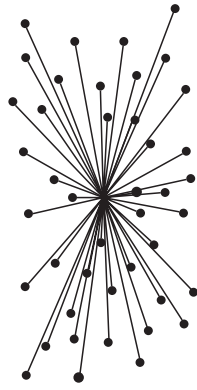
## As Redes

Quando nós falamos em redes, falamos de formas de integração entre diversas organizações. As redes podem ser analisadas do ponto de vista ecológico e orgânico e constituem uma categoria chave da Teoria da Complexidade. (não vou me deter na Teoria; o importante é saber que existem diversidades que interagem entre si e se apóiam coletivamente).

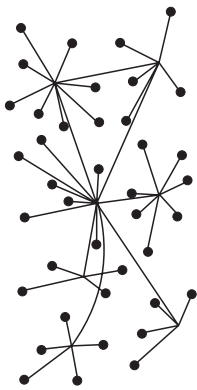
Exemplos de redes:



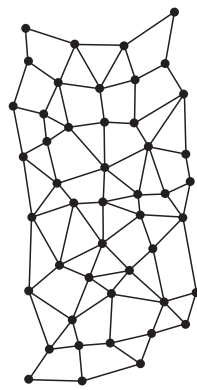
a. Inexistente



b. Centralizada



c. Descentralizada



d. Distribuída

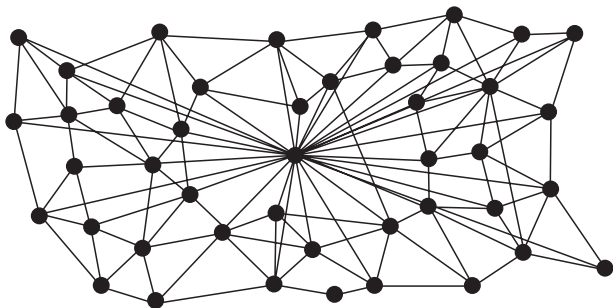
Configuração A – não existe uma rede, são elementos isolados.

Configuração B – *rede centralizada*, na qual a informação vem de um dos pontos, chega até um ponto central e aí se distribui para todos os outros; esse é o estilo, por exemplo, de uma lista de correio eletrônico: enviamos a mensagem para um endereço e a partir daí ela é remetida para todo mundo – o ponto de centralidade pode ser qualquer um, e pode mudar a todo instante.

Configuração C – *rede descentralizada*, na qual há múltiplas ligações e diversos grupos com conexões centralizadas que se articulam com outros grupos, havendo no conjunto da rede processo descentralizados de fluxos perpassando os conjuntos através dessas ligações. Há, portanto uma descentralização. Os fluxos partem de um ponto de um grupo, chegam a outro ponto e através desse aos demais que estão interligados à rede – é a configuração, em geral, das organizações em suas decisões políticas regionais; ou seja, cada região, juntamente com seus participantes, toma decisões e, por sua vez, o conjunto dessas regiões interligadas delibera as decisões coletivas em rede.

Configuração D – *rede distribuída*, na qual a conexão se faz ponto a ponto, por exemplo, quando compramos um produto, ele é fabricado em um lugar, distribuído em outro e é vendido em um terceiro lugar, ou seja, vai de ponto a ponto.

Mas uma rede de fato funciona como a figura abaixo.



Trata-se de uma rede mais complexa porque todos os tipos de fluxos possíveis – centralizados, descentralizados, distribuídos – se superpõem simultaneamente. A informação corre de um lugar pra outro, agencia decisões regionais, articula conexões locais, e as conexões locais redefinem decisões regionais.

## **A Rede de Economia Solidária**

Uma rede econômica, portanto, integra grupos de consumidores, comércio, produção, serviço. Se os consumidores dão preferência aos produtos da economia solidária, os empreendimentos vendem toda a sua produção, e com isso geram excedentes que são reinvestidos de maneira solidária. Com esse reinvestimento é possível gerar outras cooperativas, ou empresas sociais que vão produzir o que na rede ainda não se produz. Desse modo a rede vai crescendo em sua diversidade de produtos e serviços, também se fortalecendo e gerando postos de trabalho e se expandindo.

As propriedades básicas da rede de economia solidária são:

- a) autopoiese – capacidade de manter a si própria e capacidade de crescer gerando a diversidade que necessita para se expandir;
- b) intensividade – envolver o maior número de pessoas;
- c) extensividade – ir para as regiões mais distantes;
- d) diversidade – produzir a maior diversidade de produtos e de bens, para atender a singularidade de cada pessoa;
- e) criatividade – capacidade de criar o diferente, o novo;
- f) integralidade – aquilo que afeta uma cooperativa, afeta a rede inteira, porque os componentes da rede estão interligados; aquilo que fortalece uma cooperativa, fortalece todas;
- g) realimentação – o consumo demanda a produção que, por sua vez, gera postos de trabalho; quanto maior o consumo, maior a produção, até se estabelecer um equilíbrio ecologicamente estável;
- h) fluxos de valores – os recursos que circulam por dentro da rede;
- i) fluxos de informação – são importantes para a organização da rede e para a transferência de tecnologia;
- j) fluxos de matérias, – insumos, produtos que circulam pela rede;
- k) agregação – capacidade das redes de se comporem com outras redes, constituindo redes cada vez maiores.

Quanto maior for a intensividade e extensividade das redes, mais fortes elas serão, porque haverá um grupo maior de consumidores, maior produção, maior diversidade, maior apoio coletivo, mais facilidade de crescimento.

As redes de economia solidária podem ser vistas como uma estratégia para integrar grupos de consumo, cooperativas, sindicatos, movimentos populares, grupos de produção, e outros, de maneira

tal que todos possam se fortalecer e avançar juntos, construindo uma nova sociedade.

Os critérios para participar de uma rede de economia solidária, basicamente, são quatro (critérios esses que embasam a da Rede Global de Economia Solidária):

- não pode haver nenhum tipo de exploração, opressão ou dominação nos empreendimentos;
- preservar o equilíbrio dos ecossistemas. Por exemplo, se alguém produzia de forma não orgânica, usando agrotóxicos e deixa de fazê-lo, não é porque deixou de colocar o agrotóxico que a sua produção tornou-se orgânica; o solo está contaminado e é necessário um tempo de transição. Convém respeitar o processo de transição em todo e qualquer empreendimento;
- compartilhar o excedente para reinvestimento coletivo;
- assegurar o processo de autodeterminação dos fins, e autogestão dos meios.

A meta principal da Rede de Economia Solidária é produzir tudo que seus integrantes ainda consomem do mercado porque, quando uma rede compra produtos do mercado, os recursos escapam e vão desaguar na acumulação capitalista. Se a rede consegue produzir tudo aquilo que ela consome, os recursos continuarão ativando a economia solidária dentro da rede. Assim é fundamental corrigir os fluxos de valores, para que eles realimentem o crescimento sustentado da própria rede, gerando postos de trabalhos, distribuindo renda, garantindo o bem viver das pessoas.

São três as condições básicas para que a Rede de Economia Solidária funcione:

- difusão do consumo solidário, ou seja, comprar produtos da rede porque se não houver um consumo solidário, a rede não funciona;
- reinvestimento dos excedentes. Não adianta ter uma empresa de autogestão, que fatura milhões, e pensar: – “nós estamos bem na nossa empresa”. É preciso haver solidariedade entre as cooperativas, intracooperativas e intercooperativas. Sem reinvestimentos coletivos de excedentes as redes não crescem;
- Colaboração solidária entre todos.

Existem diversas redes, a exemplo de: Fair Trade; Comércio Justo; Consumidores Conscientes da Itália; Rede Brasileira de Economia Solidária – fundada em Mendes, em 2000, no Encontro Brasileiro de Cultura e Socioeconomia Solidária e que integra organizações



de todo o país; e a Rede Global de Socioeconomia Solidária –lançada no Fórum Social Mundial, integrando organizações de vários países que estão no processo de construção de redes; por enquanto, ela ainda é uma rede de fluxo de informações, mas está avançando com algumas práticas de comércio justo.

## **Estratégias de organização de redes de economia solidária**

O portal – [www.redesolidaria.com.br](http://www.redesolidaria.com.br) – funciona com um banco de dados facilitando a integração de empreendimentos que já existem e de novos. Esse sistema está operando com 500 a 600 empreendimentos de economia solidária, catalogados no Brasil – o que é mínimo – no que se refere a produtos, insumos, localização, e outros. Todos os dados armazenados fazem parte da Rede Brasileira e estão disponibilizados para qualquer pessoa. Para pesquisar, tomando como exemplo o item farinha, é só dar um comando de busca e aparecem todos os grupos que produzem farinha e todas as pessoas que compram farinha, dentro da rede.

Os itens do banco de dados podem ser selecionados por estado, cidade, bairro; como também é possível limitar a abrangência. Isso possibilita que todos os compradores de um mesmo insumo possam se reunir para comprar aquele insumo conjuntamente, barateando a compra. Essa sistemática, por outro lado, favorece que todos os integrantes conheçam todos os fornecedores de insumos da rede, evitando, assim, a compra no mercado, fora da rede. Dessa forma, se facilita a realização de negócios dentro da rede, remontando cadeias de produção, fortalecendo a própria rede e sua expansão.

Outro item importante nesse portal é a transferência de tecnologia. Na Rede, conhecimentos e práticas produtivas são disponibilizados e podem ser transportados de um lugar para outro. Como exemplo, podemos citar o seguinte fato: um grupo do Rio Grande do Sul divulgou fórmulas ecológicas de produtos de limpeza, em uma feira, em Passo Fundo; essa informação foi disponibilizada na área de transferência tecnológica e um outro grupo, valendo-se dessas fórmulas, começou a produzir detergente ecológico. O conhecimento é coletivo: uma tecnologia que partiu de um grupo e chegou a outro, mediado por uma rede. E é desse modo que a rede cumpre seu papel de difundir tecnologias sustentáveis.

Existe um programa na Rede Solidária, distribuído gratuitamente, que faz diagnósticos de forma integrada em duas vertentes. A primeira

vertente opera identificando todos os insumos que a rede compra e localizando se essa compra é feita no mercado ou na rede; caso seja feita no mercado, o sistema busca no banco de projetos da rede uma cooperativa ou uma empresa de economia solidária que possa produzir aquele item; se ele encontra, faz uma análise do faturamento que a empresa deve ter para se manter e da demanda existente na rede e quando os valores são compatíveis, o programa propõe que se monte aquela cooperativa, porque ela é sustentável dentro da demanda da própria rede.

Na segunda vertente o diagnóstico diz respeito às empresas que têm um faturamento que ultrapassa os gastos reais de manutenção da própria empresa. Por exemplo, o sistema identifica que uma empresa tem um faturamento três vezes superior ao que ela precisa para se manter, nesse caso, o programa propõe que sejam criadas três empresas; essa divisão irá gerar mais postos de trabalho com redução da jornada, maior proximidade ao consumidor, reduzindo impactos ambientais, e não haverá redução dos ganhos dos trabalhadores porque eles continuarão recebendo o mesmo salário. Com isso, simplesmente se reduz o excedente daquele empreendimento e conseqüentemente, gera-se outros empreendimentos.

As listas de comunicação são de fundamental importância para as redes, porque sem esses fóruns eletrônicos não existiria o Fórum Social Mundial. A Rede Solidária tem várias listas à disposição de quem tiver interesse: de clubes de troca, de comércio justo, Rede Global, Rede Brasileira. Inclusive, a Rede Brasileira usa essas listas para seus intercâmbios.

## **Políticas de desenvolvimento sustentável sob a lógica de redes solidárias**

Com a estratégia de redes podemos pensar em desenvolvimento local sustentável que possa enfrentar a situação da pobreza e da exclusão?

Nesse sentido, nós elaboramos uma análise, do mapa da fome do Brasil (da Fundação Getúlio Vargas) no estado do Paraná, cruzando os dados por região e por município, e levantamos o número aproximado de pessoas abaixo da linha de pobreza, em cada município. Em seguida verificamos a densidade familiar por município, ou seja, o número médio de pessoas por cada família; depois levantamos o número total de famílias de excluídos existentes em cada município, e agrupamos isso por regiões.

Com base nesses dados estabelecemos uma hipótese: seria possível organizar cooperativas de consumo entre as famílias de excluídos do Paraná?

Considerando a Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE, estimamos o consumo das famílias de excluídos e consideramos a possibilidade de organizar cooperativas de consumo integrando essas famílias. O resultado desse estudo indicou que se as cooperativas fossem compostas com 50 pessoas, haveria no Paraná, 10 232 cooperativas de consumo, integrando a população excluída que está abaixo da linha de pobreza.

Diante desse número, procuramos desenhar uma possível organização de grupos de produção para atender a demanda de consumo da população analisada. A Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE discrimina a lista dos itens de alimentação de uma família na faixa de 0 a 2 salários mínimos (inclusive a pesquisa mostra que o consumo dessa família, referente à alimentação no domicílio, está em torno de R\$ 86,00 por pessoa, por mês; o que resulta em R\$ 2,00 por dia, menos de um dólar) Com base na lista discriminada da pesquisa, verificamos que para atender os itens ligados a massa, pães, ovos, produtos de limpeza e vestuário seria necessário organizar 977 cooperativas de produção no estado do Paraná. Quer dizer, para atender a demanda de consumo dos excluídos, hoje, e não quando eles deixarem de ser excluídos.

Continuando nessa linha de pensamento, o valor gasto com feijão, arroz, farinha de mandioca e de milho, somam R\$ 6 639 927,00. O consumo com leite e seus derivados alcança 3,4 milhões de reais e o de pães o valor chega a R\$ 2 820 000,00. O faturamento mínimo para uma padaria se manter, produzindo somente pão, é de R\$ 12 000, 00 de acordo com o SEBRAE; dessa forma, somente para atender a demanda de pães seriam necessárias 230 padarias. Em macarrão o faturamento mínimo é de 11 mil reais, o que daria para manter 76 cooperativas produzindo macarrão. O item roupa de mulher e de crianças daria pra montar 279 cooperativas.

Diante do impacto desses resultados podemos, portanto, pensar a estratégia de redes como uma ferramenta do desenvolvimento sustentável. A população excluída, se organizada, pode possibilitar a criação de inúmeras empresas com recursos solidários das suas próprias redes.

## **Desafios atuais**

Dentro do desafio de consolidar a economia solidária, alguns fatores merecem atenção especial:

1. a difusão do consumo solidário – Para tanto, devemos estar atentos a todo consumo diário. “*O que eu consumi, hoje, da economia solidária*”

*desde o café da manhã?” “Onde posso encontrar produtos da economia solidária?”* Caso não exista facilidade de acesso a esses produtos é porque está faltando organização, então, vamos nos organizar. Não podemos ser passivos, ou ficar esperando que as organizações apareçam. Não é assim, que vamos comprar o remédio mais barato (aliás, remédio é um dos itens pesados do orçamento familiar);

2. a logística de distribuição – estruturar a distribuição para poder chegar até aos consumidores;
3. os fundos para reinvestimento;
4. o mapeamento;
5. diversificação e qualificação dos produtos - para garantir o bem viver do consumidor.
6. capacitação técnica – para garantir a qualidade do produto e como isso o crescimento das redes.

Todos os empreendimentos da economia solidária devem estar inseridos no programa de localização de produtos e serviços. Em Curitiba, um jornalzinho divulga os empreendimentos da economia solidária, com telefone e endereço e dessa forma a economia solidária já tem sua lista amarela (lá em casa, o leite é de um assentamento da reforma agrária do MST, de Santa Catarina; eles possuem uma logística de distribuição e os produtos chegam ao Paraná).

Outra coisa importante é entender que consumo solidário não é comprar para ajudar, mas sim, comprar produtos bons e fabricados dentro de certas normas da economia solidária. Caso o produto não tenha uma boa qualidade, convém conversar com o produtor e por isso, a capacitação técnica é muito importante.

Finalmente, uma formação política e cultural voltada para a autogestão é fundamental. A gestão solidária e participativa, preocupada com o bem comum, compartilhando os excedentes, ainda precisa ser construída e com ela novas formas de relações humanas. Dessa forma o grande desafio é fortalecer a rede de economia solidária, construindo uma rede local, no bairro, na cidade, compartilhando o que está fazendo, aprendendo com outros e possibilitando o crescimento de todos.